

ECO POPULAR

FOLHA POLITICA E NOTICIOSA.

1.º ANNO

Publica-se às segundas e quintas-feiras

NUM. 40

PREÇO:—Assignatura, (paga adiantada), trimestre—600 rs. Para fóra, pelo correio, trimestre 660 rs. Brazil pelos paquetes, anno (moeda forte) 53000 rs.—Anuncios, 30 rs. a linha; repetição, 20 rs.—Publicações no corpo do jornal, 40 rs. a linha.—Publicações litterarias, 2 exemplares.—Numero avulso, 40 rs.

SEGUNDA-FEIRA 21 DE JULHO DE 1879

A redacção só se responsabilisa pelos escriptos não assignados. Es-criptos enviados á redacção sejam ou não publicados não serão restituídos.—Toda a correspondencia dirigida ao administrador do jornal Francisco Pedro Felgueiras.

GUIMARÃES, 20 DE JULHO

Uma das accusações mais violentamente repetidas contra o ministerio progressista é sem duvida a de intolerante.

O partido regenerador (que nos cedeu o poder, dizem elles, e quasi diziam que nol-o offereceu) tinha de si para si que os progressistas não podiam ser outra coisa mais do que uma especie de delegados seus nos conselhos da corôa, e que por isso continuariam, nem se atreveriam a abandonar ou substituir, o seu systema politico e muito menos os seus homens, os seus instrumentos.

N'este presupposto, o ministerio progressista não podia rasoavelmente deixar de considerar-se como uma nova edição do ultimo ministerio Avila, um puro interregno, um segundo *mientras vuelve* e mais nada.

E tinham razão se o partido progressista não estivesse resolvido a cumprir o seu dever. Mas o governo quiz fazer boa politica, administração sisuda e firme, quer aproveitar os seus annos de vida em bem do paiz e precisava para

isso de cercar-se de homens, que lhe merecessem plena confiança.

Pois levantou-se o partido regenerador voz em grita contra a *intolerancia* do governo! Pareceria absurdo, se não vissemos que era a ultima illusão que lhes falhava. São as saudades do poder. Depois de o cederem (coitados!) arrependem-se. E começam a receiar que este novo *mientras vuelve* se prolongue demasiado.

E' a essa gritaria que responde o sizudo e bem pensado artigo, que em seguida transcrevemos, com a devida venia, do nosso estimavel collega «Jornal do Porto», que pela imparcialidade com que vê as questões politicas, tem uma auctoridade innegavel.

E' o seguinte :

TOLERANCIA

Uma das qualidades mais essenciaes á natureza humana é o supremo poder de abuzar de tudo. Essencial, mas nociva, quando não é regulada por uma outra faculdade superior, que em psychologia se chama juizo e na sciencia social se uza chamar prudencia. E tão essencial, que d'ella provem a distincta

posição do homem na escala dos seres creados, dando-lhe a plena responsabilidade dos seus actos, que seria menor ou puramente relativa se não fosse resultado de inteira liberdade de proceder. Por isso que o homem pôde uzar da liberdade até ao abuzo é que tem merito o que sabe conter-se nos limites do bom uzo.

E o abuzo dá-se no exercicio das faculdades animicas, tanto no grupo das que constituem a intellectualidade, como nas que determinam os phenomenos volitivos. O homem abuzo pela intelligencia, e abuzo pela vontade. D'ahi as ideias falsas e os actos maus.

Como, porém, é mais ordinario que os maus actos procedam das falsas ideias, nunca é de mais a propaganda e ensinamento das ideias verdadeiras, como preparação e caminho para obtermos os bons actos.

O termo tolerancia anda introduzido na politica ha muitos annos, por muita gente e em muitas occasões tem sido empregado, mas raras vezes o tem sido com a mesma noção ou grupo de noções, antes parece que cada qual que o emprega se julga no direito de o empregar no sentido que mais lhe apraz, como se lhe não coubesse, por natureza, uzo ou acco-

modação, uma determinada ideia e não outra qualquer, e como se alguém pudesse servir-se dos termos da vida commum com significação que não é commumente recebida.

Considerando-se a politica como um campo de lucta, onde se debatem não só os principios de governo, mas os interesses e as conveniências dos homens e dos agrupamentos que combatem, a tolerancia pôde e deve existir no sentido abstracto de se respeitarem mutuamente os principios e crenças dos homens que combatem, mas já se não comprehende nem justifica quando entra no terreno positivo da acção, onde é necessario, não só envidar todos os esforços, mas começar primeiro por desviar todos os estorvos.

Um commandante em chefe de um exercito que soubesse que no seu acampamento existiam elementos contrarios á sua causa, e que esses elementos empenhavam esforços, individuaes ou collectivos, para destruir ou modificar os resultados a que se propunha, podia chamar-se tolerante porque os deixava viver e desenvolver á sombra da sua bandeira, porque não empregava meio nenhum de os neutralisar ou annullar, porque sustentava e alentava os que mais desejavam

e procuravam a sua derrota no combate ?

Podia chamar-se tolerancia a cega condescendencia de assistir sereno e impassivel ao minar da sua propria força, conhecendo os mineiros e os seus intuitos, e tendo ao alcance da sua mão e dentro dos limites da sua alçada os meios de impedir que continuem a prejudicial-o ?

Creemos sinceramente que não. Toleram-se os homens e as crenças, mas não se podem tolerar os actos declarados de hostilidade nociva. O general que, em taes condições, fosse condescendente, não era tolerante, mas fraco, inepto ou traidor. Fraco, se não podia: inepto, se não conhecia; traidor, se conhecia e podia, mas não queria desembaraçar o caminho que o havia de conduzir á victoria. Para se chamar tolerante com os adversarios, tinha de ser apellidado desleal á sua causa e ao seu cargo.

Tambem se não pôde chamar tolerancia ao respeito pelos direitos alheios. Isso é mais do que tolerancia; é o cumprimento de um dever moral e legal. Dentro da esphera da sua actividade legitima, o homem é senhor absoluto do seu destino, e qualquer intervenção estranha é para elle uma violencia, que á sociedade cumpre evitar, ou



DIARIO D'UMA MULHER

POR

OCTAVIO FEUILLET

TRADUÇÃO

PRIMEIRA PARTE

(Continuado do n.º 39)

O snr. de Louvercy estava em pé, com o joelho ferido encostado a uma cadeira: a sua physionomia habitualmente sarcastica, estava inteiramente mudada: uma melancolia profunda realçava-lhe a pureza das linhas; os olhos pareceram-me um pouco humidos. Olhou firmemente para mim, e disse-me, fallando lentamente, como que para conter uma forte emo-

—Minha senhora, minha mãe acaba de me dar a conhecer o sentimento de bondade angelica, que a traz aqui... Se não fóra a minha enfermidade, eu estaria a seus pés... Mas não accetto o seu sacrificio... basta-me a sua intenção, minha senhora, para que a minha vida se passe cheia de encantos só com esta lembrança... para que o meu reconhecimento, o mais profundo... o mais affectuoso... a siga por toda a parte, e se lhe consagre para sempre!... Agora, peço-lhe, que não prolongue esta prova... a que não resistiria a coragem d'um homem... deixe-me firme na resolução que a honra me impõe; estou certo de que ha-de estimar-me mais... Ainda outra vez, obrigado... e adeos!

E, inclinou-se profundamente, despedindo-se de mim.

—Sua mãe soluçava, banhada em lagrimas, e calada.

Adiantei-me alguns passos para elle, e estendi-lhe sincera-

mente a mão.—Elle agarrou-a e apertou-a com força.

—Meu Deos! disse elle muito baixo.

Depois, demorando o seu olhar em mim:

—Desculpe-me, minha senhora... eu não encontro palavras... tenho o coração tão opprimido, o espirito tão abalado... passo tão repentinamente do abysmo ao céu! Mas ao menos deixe-me provar-lhe, quanto era sincero ainda agora... quanto receio abuzar de uma disposição generosa, d'um impulso d'entusiasmo... Rogo-lhe, que dê algum tempo á reflexão. D'aqui a alguns mezes,—um anno, por exemplo... se persistir, se tiver como hoje a coragem da sua grande dedicação... então... n'esse caso accitarei... Mas, até lá, permita-me que a desligue do seu compromisso, que lhe restitua toda a sua liberdade.

Como elle ainda conservava a minha mão apertada nas suas,

não tive necessidade de lh'a offerecer para sellar a nossa convenção, que—me pareceu—satisfazer muito a snr.^a de Louvercy, esperando—e talvez com razão—que ella teria uma sorte igual a de muitas das convenções modernas.

Eu respondi-lhe unicamente:

—Como quizer; mas não mudarei de resolução... Não lhe digo adeos... até logo... porque de certo não exige que partamos hoje, supponho eu?... conceda-nos uma demora de alguns dias?

Sorriu-se, e beijou-me a mão.—Retiramo-nos então, sua mãe e eu.

Minha avó, quando lhe narramos o que se passou n'esta conferencia, declarou que a conducta do snr. de Louvercy, era a de um perfeito cavalheiro e homem de honra. Eu sou da mesma opinião, e apesar de, no momento, me magoar o seu pouco ardôr em accetar a minha

proposta, sentiria hoje muito se elle tivesse procedido d'outra fórma. Agradaram-me as suas hesitações e os seus escrupulos, apesar de que—reflectindo bem—julgo que outro motivo ha além do que elle me disse.—Sim, sem duvida, elle receia que o arrependimento siga o impulso d'este entusiasmo romanesco; receia accetar a offerta d'um coração, que ainda não esqueceu, nem talvez já-mais esquecerá o golpe que recebeu. Porque é certo que elle suspeitou da minha sympathia pelo sr. d'Eblis. Não tem direito, é verdade, de me pedir explicações a este respeito, mas qualquer dia lh'as darei, e estou certa, de que ficará satisfeito... Sim, offereço-lhe um coração magoado, mas cheio de dedicação e fiel.

(Continua)

punir quando não possa tel-a evitado.

Mas tão respeitavel é o cidadão que se limita á sua esphera de acção, como censuravel o que sae fóra d'ella a prejudicar os outros. Isto na vida familiar e commum, como na vida social e politica.

Assentamos estes principios geraes, e não fazemos applicação a casos occorrentes, que todavia são conhecidos. Nos ultimos dias as palavras tolerancia e intolerancia tem andado na imprensa portugueza, mas não nos parece que tenham sido empregadas n'uma accepção justa e sensata. Tambem nos temos por tolerantes, mas estamos longe de chamar intolerancia a muita coisa que assim é denominada por alguns collegas. Admittimos a tolerancia como acto de consciencia, respeitanto em todos as suas ideias ou as suas sympathias, mas não podemos chamar intolerancia ao exercicio de uma faculdade legal, quando d'elle depende a consecução de um fim que se tem em vista, e quando esse fim não tem nada por onde se possa e deva reputar injusto ou prejudicial aos interesses publicos.

Por um abuso de confiança de que não podiamos suspeitar foi inserto no ultimo numero do «Ecco Popular» uma local com a epigrapha «Incrível, escandaloso.»

Cumpramos, por isso, declarar, que não perfilhamos o referido escripto nem na forma nem na essencia. Entendemos que a imprensa não se deve intrometer em questões de semelhaute ordem que só aos interessados cumpre discutir e resolver.

Estão tomadas as providencias, de forma que se não repitam taes acontecimentos.

A Redacção

DOUIGOOO

16 DE JULHO

Nunca me foi tão difficil o desempenho da minha missão. O espirito como que se me confrange e retrahê ao approximar-me da banca de trabalho, para communicar a estas esguias tiras de papel as desencontradas impressões que vieram quebrar-se, mesmo em cheio, de encontro ao meu peito, como a onda irrequieta e espumosa na areia movedissa da praia.

Fallar d'um baile, cu, a quem os gellos de asperrimos ja-neiros enrejellaram os ardores da mocidade e apagaram aquel-

Teve hontem logar a romagem de N. Senhora do Carmo, que se venera na irmidinha da Penha, situada na pitoresca serra de Santa Catharina.

A amenidade do dia e o aprazivel e dilatado panorama que d'ali se disfructa attrahiu, como é de costume nos annos anteriores, bastante concorrencia áquelle formozissimo local.

E' na proxima sexta-feira, 25 do corrente, a romaria do S. Thyago, na freguezia de Santa Marinha da Costa, nos suburbios d'esta cidade.

Costuma a ser muitissimo concorrida esta romaria, não só de romeiros da cidade e freguezias proximas; como, de outras mais distantes, que veem acompanhar as vis-losas rondas, que vão em procissão áquelle arraial.

Nesse dia, a quinta do Rio costuma a ser o rendez-vous da elite da sociedade vimaranense, que por ali estaciona a ver passar as rondas e os romeiros.

No sabbado passado, um lavrador da freguezia de S. Torquato, d'este concelho, dirigia-se para esta cidade com um carro de pedra e ao descer um monte não pôde conter os bois e o carro com o enorme peso que levava passou-lhe por sobre o peito, deixando-o instantaneamente morto.

Ignoramos o nome d'este infeliz, que deixa com as angustias da viuvez e da orphandade a debaterem-se com o horrores da miseria a esposa alguns filhinhos de tenra idade.

F i hontem á scena no theatro de D. Affonso Henriques o drama em 3 actos, do sr. E. Coelho, *Oppressão e Liberdade*, e a comedia em 1 acto, *Doido por Conveniencia*.

la fulgida chama que me crepitava no espirito?!

Improba tarefa para mim, missão recravada de espinhos, Golgotha escabrosissimo que tenho de atravessar afim de se consummar o... incruento sacrificio!

Marthyr da religião do dever, empunha a lyria, se pôdes e como o Judeu Errante caminha... caminha que os typographos ainda teem um espaço em branco, que tu hasde forçosamente prehencher, quer queiras quer não queiras!

Eutão, como o que ha-de ser ha-de ser, e tem muita força; pensei deti damente em Xavier de Maistre, quando fazi uma jornada em roda do seu quarto montado n'uma cadeira, e veio-me á imaginação aquel-

Os actores eram uns artistas d'esta terra, que, de vez em quando, se entregam ás lides dramaticas, com o fim de colherem alguns applausos e... coróas, coróas sobre tudo, exhibindo á luz da ribalta as suas fórmas esculpturaes e ademares de aprimorada elegancia.

O espectáculo, a afferir pelo palmejar que resouu portas a dentro do theatro, agradou á maioria dos espectadores; o que não admira, porque o espectáculo não lhes embotava o paladar.

Actores e espectadores, comprehendiam-se e é este o trabalho mais difficil do actor.

E' justo que digamos que os actores colheram algumas coróas... no balcão do bilheteiro, que era o fim que elles levavam... em mira.

Já está, felizmente, restabelecido da doença que ultimamente o torturou o sr. dr. Teixeira de Queiroz, digno juiz de direito d'esta comarca.

Sabemos que o sr. dr. juiz de direito vae por estes dias occupar novamente a sua cadeira de magistrado, no tribunal d'esta cidade, cadeira que o sr. juiz Queiroz honra e illustra por o eu saber e suas virtudes.

Muito folgamos com o completo restabelecimento do sr. juiz de direito e do coração lhe desejamos sempre a mais vigorosa saude.

Veja o contribuinte

O nosso estimavel collega do «Diario Popular», transvendo alguns periodos de um artigo do «Commercio do Porto», fecha-os com algumas reflexões, adicionando mais uma descoberta ao sudario de torpezas que distinguem os virtuosos regeneradores.

Veja o contribuinte que applicação se dava aos dinheiros do estado.

Falla o «Diario Popular»: **N**uma coisa se engana o nos-

es versos de Goethe na introdução do Fausto, que Garret magistralmente traduziu, e com elles invo quei a inspiração para que me não abandonasse nos apuros em que me via

Ressurgi outra vez, vagas figuras, vacillantes imagens que á turbada vista acudieis d'antes...

Posto isto, ou antes mais propriamente, feita a invocação em tão sublimes versos, omei, um tanto mais animado, a minha penna, testemunha nuda—é o que me vale—dos meus dissabores e das minhas inquietações *pró ré politica*, que antissimas vezes, como A Chenier, me tem visto bater palmas na testa, procurando uma ideia, ajustando uma phrase, as-

so collega. As gratificações abusivas não eram só de 100 contos de reis; passavam de 200 contos. E não era o peor como se mostrará. O povo ha-de saber emfim, em que enormes escandalos se gastava o seu dinheiro. Havia nympha favorita do sr. Fontes, que recebia todos os mezes 3 libras pelo ministerio da guerra, 2 libras pelo dos estrangeiros, 1 libra pelo do reino, etc., etc.

ANNUNCIOS

Arrematação

NO dia 3 do proximo mez de agosto por 10 horas da manhã no Tribunal d'este juizo, que é situado na rua das Lamellas d'esta cidade, se tem d'arrematar em hasta publica os seguintes bens, pertencentes á herança inventariada do demente Antonio Joaquim Vieira da Silva, morador que foi no logar do Monaco, freguezia de Santa Maria de Airão, d'esta comarca, a saber: Um praso foreiro a Francisco Xavier Forte, da freguezia de S. João d'Airão; composto das seguintes glebas: A bouça de Regueiros, situada na dita freguezia de Santa Maria d'Airão; a bouça de Regueiros de baixo situada na mesma freguezia; a leira da Lagôa situada na freguezia de S. João d'Airão; a leira de Penellas, tambem conhecida pelo nome de leira do Salgueiro, situada na mesma freguezia; a leira de matto na Agra de Santo André, situada na mesma freguezia; outra leira, lavradia, na mesma Agra de Santo André, situada na mesma freguezia, a leira da Barca, situada na referida freguezia de Santa Maria d'Airão; a leira do Coração de Cabra, na dita Agra de Santo André, situada na freguezia de Joanne; e a leira Maior, na mesma Agra de Santo André,

situada na mesma freguezia, no valor de 800\$000 rs.: Uma morada de casas de 3 andares, situada na rua d'Alcobaça, freguezia de S. Paio d'esta cidade, com os numeros de policia 29 e 31, de natureza de praso, foreira ao Arcediago da Sé Primaz de cidade de Braga, no valor de 500\$000 reis: E uma morada de casas de 2 andares, situada na mesma rua, com os numeros de policia 25 e 27, de natureza alludial, no valor de 300:000 reis. Esta arrematação se verifica por virtude do disposto no § 3.º do artigo 719 do codigo do Processo civil, do que para constar se passou presente pelo qual são citados todos os credores incertos do inventario.

Guimarães 8 de julho de 1879.

Está conforme
Barão de Pombeiro
O escrivão
João Joaquim d'Oliveira Bas-
(60)

ARREMATACÃO

NO dia 10 do proximo mez d'agosto por 10 horas da manhã no Tribunal d'este Juizo, que é situado na rua das Lamellas d'esta cidade, se tem de arrematar em hasta publica, por accordo de todos os interessados, os seguintes bens, pertencentes á herança inventariada do demente Antonio Joaquim Vieira da Silva, morador que foi no logar do Monaco, freguezia de Santa Maria d'Airão, d'esta comarca, a saber: O campo do Cortelho, terra lavradia com arvores de vinho, situado na freguezia de Santa Maria d'Airão, avaliado na quantia de 310:000 reis; e as leiras dos Outeiros, tambem conhecidas por campos do Outeiro, terra lavradia com arvores de vinho, situadas na mesma freguezia de Santa Maria d'Airão, de natureza cen-

juventude me emprestasse os seus raios de fogo!... Se o amor me emprestasse a melodiosa e encantadora lyra da inspiração!...

As flores que actualmente germinam no meu espirito são a modesta *perpetua* e a singella *saudade*!

Hão-de convir as leitoras que os meus tormentos excedem os do leito de Procusto!

Ah! agora reparo que já as tenho demorado demaziadamente na ante camara que dá ingresso ao salão do baile.

V.ºs exc.ºs que são tão bondozas quanto formozas, por certo me relevam mais esta... abstração, que continuamente se apodera de mim, quando tenho a felicidade de as contemplar!

E' uma fascinação é um esque-

sepilhando um periodo sem ver surgir a centeilha apeteçada para illuminar as trevas que me circundam!

Aqui estou eu de novo mergulhado nas mais tentalisadoras contrariedades! O tempo a caminhar veloz e eu sem um pensamento... um pensamento, — sorridente que me guie a agreste penna por entre festões de rofas, madre-silva e... e purpuros botões de romanseiras!...

Se para fallar da mulher, diz Diderot, é necessario ser-se poeta, e molhar a palheta da inspiração nas fulgentes côres do arco iris, como hei de eu, que não possuo nenhum d'estes predicados, desempenhar-me sem desdouro, da missão que tenho entre mãos?

E demais, ainda se o sol da

soaria a D. Amelia Virginia Xavier Monteiro da freguezia de S. João d'Airão, avaliadas livre de censo, na quantia de 162:800 reis. E para o referido assim constar se passou o presente, pelo qual são citados os credores incertos do dito inventariado.

Guimarães 18 de julho de 1879.

Conforme
Barão de Pombeiro
O escrivão,
João Joaquim d'Oliveira Basto. (66)

EDITOS DE 30 DIAS

PELO Juizo de Direito da comarca de Guimarães e cartorio do escrivão abaixo assignado correm editos de 30 dias, citando todos os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fora da comarca, que se julguem com direito á herança da inventariada Lourença da Silva solteira e moradora que foi no lugar da Cheira, freguezia de Santa Christina de Longos, da dita comarca, para que venham deduzir esse direito dentro dos referidos 30 dias, que se principiarão a contar da segunda publicação d'este annuncio, sob pena de revelia.

Guimarães 19 de julho de 1879.

Barão de Pombeiro
O escrivão
João Joaquim d'Oliveira Basto. (67)

Venda de uma excellente quinta e quatro propriedades.

VENDE-SE a nobre quinta do Passo, situada na freguezia de Santo Estevão de Urgezes, junto de S. Roque, suburbios de Guimarães, que se compõe de antiga casa para senhorio, e gran-

des alojamentos para tres cazeiros que cultivam a quinta, terras lavradas com espaçosa matta, a mais abundante que ha nos suburbios d'esta cidade em mattos, lenhas de carvalho e pinheiro, e aguas, além das immensas nascentes que tem e estão por explorar, e que pela sua localidade vae fertilisar toda a freguezia de Santo Estevão, pagando os cazeiros de renda annual 13 carros e 7 alqueires de medidas, e mais miudezas, que correspondem a mais 2 carros, além d'isto tem o senhorio a reserva de grande terreno de matto, e este, e as lenhas que se vendem sem deterioração, produz o valor de 2 carros de medidas, e tambem produz vinho e azeite. Esta espaçosa quinta é toda reunida e circuitada por uma parede, e é muito susceptivel de grandes melhoramentos que produzirão bom rendimento, e é a mesma quinta de natureza alludial, e só fora dos muros tem muito proximo uma grande sorte de matto que vae confinar com a serra de Santa Catharina, cujo terreno é foreiro á Camara Municipal d'esta cidade, com um pequeno fôro e o dominio de quarentena. Junto da mesma quinta está a propriedade da Boa Vista, com

caza e terras de cultura, vinho, aguas, matto e lenhas, a qual é de natureza alludial, e paga o cazeiro de renda 48 alqueires de medidas e outras miudezas. Em frente da mesma quinta está situada a propriedade da Fonte, de natureza alludial, a qual tem casa, alpendre, e campos de terra lavrada, que produzem pão e vinho, e é circuitada sobre si, tem agua, matto, lenha, e anda arrendada por 60 alqueires de medidas, e mais miudezas. E junto á mesma se acha a propriedade do Montinho, ou Bouça de S. Roque, de natureza de praso, foreira á ex.^{ma} sr.^a Viscondessa de

Roriz, com o foro annual de 22 reis e o dominio da quarentena, cuja propriedade tem casas e alpendre e se compõe de terras lavradas, que produzem pão e vinho, e tem agua, matto, lenha, e é circuitada sobre si, e anda arrendada por 104 alqueires de medidas, e mais miudezas.

Tambem se vende a propriedade denominada o Campo da Seára, ou da Pupa, a qual é foreira ao Dom Prior de Guimarães, a quem se paga um pequeno fôro e dominio da quarentena; tem casas e alojamentos para caseiros, cuja propriedade se compõe de um bom campo o qual produz pão e muito vinho e paga o caseiro de renda desde tempos remotos 89 alqueires de medidas, sendo a mesma propriedade situada no lugar da Hortas, freguezia de Nossa Senhora da Oliveira.

Para esclarecimentos, podem os snrs. pertendentes dirigir-se ao sr. padre Manoel Custodio de Sousa Gonçalves—o Gondomar—ás Carvalhas de S. Francisco.

(68)

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito n'esta comarca e cartorio do escrivão abaixo assignado, correm editos de 30 dias a contar da publicação do segundo annuncio, a citar todos os credores e legatarios desconhecidos e domiciliados fóra d'esta comarca, a fim de no dito praso deduzirem os seus direitos no inventario entre menores a que por este juizo se anda procedendo pela ausencia de Antonio de Freitas solteiro, ha mais de vinte annos no Imperio do Brazil, natural da freguezia de S. Lourenço de Sande, no qual é cabeça de casal Antonio de Freitas, viuvo, do lugar dos Escampados freguezia de S. Martinho de Sande, isto na fórma que

de gaze branco com flores de romã. D. Christina e D. Camilla Martins trajavam lindos vestidos de gaze. D. Maria José, D. Dorotheia, D. Roza e D. Adelaide Menezes apresentaram-se com *toilettes* de bastante gosto.

D. Ismenia de Barros Cardozo trajava vestido de gaze branco, que lhe realçava a sua peregrina formozura. D. Magdalena Lindozo, apresentou-se com um vestido de gaze branco de mutio gosto na disposição dos enfeites e que dava todo o relevo á sua elegante estatura.

D. Violante de Barros, vestia com aquelle bom go-to e *avoir faire* que a distinguem.

D. Ignez Queiroz, vestia uma *toilette* elegante e primorosa.

dispõe o art. 696 § 4.º do código do processo civil, Guimarães 19 de maio de 1879.

O escrivão,
Abilio Maria d'Almeida e Coutinho.

Está conforme
Barão de Pombeiro. (69)

VENDE-SE

OMAGNIFICO e bem conservado piano de Baumgradten. pau preto e sete oitavas que, á exc.^a Abbadessa de Santa Clara, sahiu na rifa promovida pelo illm.^o sr. dr. Queiroz.

Quem o pertender dirija-se, para tratar com Luiz José Gonçalves Basto, Rua de S. Damaso.

(63)

Banco Commercial de Guimarães

O dividendo do 1.º semestre do corrente anno de 1\$000 por acção começa a pagar se desde hoje em diante em Guimarães na thesouraria do Banco; no Porto na caixa filial, e em Braga na respectiva agencia.

Guimarães 11 de julho de 1879.

Pelo Banco Commercial de Guimarães.

Os directores
Antonio Mendes Ribeiro
Joaquim José d'Azevedo Machado.

Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro

A Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas Colonias agradece pehoradissima a todos os snrs. expositores a attenção e confiança que prestaram ao seu convite e o modo brilhante porque se apresentam no patriotico e vantajoso certamen da

D. Ignez e D. Claudia de Vasconcellos Queiroz, com as saas singellissimas *toilettes* e os seus formosos cabellos, descendo em espiaes por os hombra abaixo, faziam lembrar as fadas dos contos allemães.

D. Sophia Almeida Campos, trajava um elegante vestido de gaze cor de roza, que muito fazia sobresair o seu sympathico rosto e esbelta estatura.

Mas, francamente, d'entre este bouquet encantador não se destaca aquelle lindo botão de roza?...

Ha, por ventura, maio florido que tão primoroso e delicado botão de roza apresenta ao despontar da madrugada?!

O serviço foi abundantissimo e delicado como poucas ve-

capital do Brazil. A imprensa, ás benemeritas commissões do Porto, de Braga, de Vianna e de Guimarães, e a todos os cavalheiros que abraçaram e auxiliaram a ideia do grande empreendimento, e tanto coadjuvaram a Companhia, manda a Companhia tambem os seus merecidos agradecimentos. Os promotores da Exposição Portuguesa não acharam senão boa vontade, entusiasmo e patriotism por toda a parte, e a todos declaram publicamente o seu sincero reconhecimento.

A sucursal da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas Colonias, n'esta cidade, continúa aberta n'rua Armenia, 46, onde se dá esclarecimentos e d'onde serão directamente ministradas aos snrs. espositores todas as noticias que forem vindo Rio de Janeiro e os possam interessar. (52)

JORNAL DE VIAGENS

AVENTURAS DE TERRA E MAR

ESTE magnifico semanario de geographia e recreio, illustrado de gravuras estupendas e lindissimas—fecha a sua baratissima assignatura no fim do trimestre.—Depois d'aquelle praso cada n.º, passado um mez da publicação custará 200 reis.—Assigna-se no Bom Jardim 489, Porto; trimestre 630 reis pagos adiantados, para a provincia 750 reis. Enviar o importe a Ferreira de Brito, gerente-proprietario.

Antonio Raimundo de Sousa (Guise), estabelecido na rua Nova das Oliveiras n.º 32, com officina d'alfalate, participa aos seus amigos e freguezes que por os ultimos figurinor-promptifica-se a fazer toda a qualidade d'obra pretencente á sua arte o que faz com todo esmero e alinhio; tudo por preços razoaveis. Guimarães

zes se serve aqui em Guimarães.

Apoz uns variadissimos serviços de neve e *sucrerries*, foi servida uma delicada ceia volante acompanhada de vinhós muito especiaes.

Dançou-se animadamente até ás 4 horas e meia da manhã, terminando o baile por uma contrança *à la folie* dirigida por o sr. conde de Villa Pouca.

As impressões d'esta noite de festa são d'aquellas que já mais esquecem, até mesmo aos que—como eu—as recebem depuradas no crysol das... recordações.

VINHO

DO

ALTO DOURO

PREMIADO

NAS

EXPOSIÇÕES



CASA

DE

VILLAPOUCA

PREMIADO

NAS

EXPOSIÇÕES

José d'Oliveira, encarregado de vender os vinhos da casa de Villa Pouca, annuncia que tem á venda as seguintes qualidades de vinho engarrado (fóra a garrafa)

Tinto de meza.	150 rs.	Moscatel.	500 rs.
Ligrima	290 rs.	Vinho de 1854.	600 rs.
Tnto	100 rs.	Roncon	700 rs.
Tnto fino	210 rs.	Vinho de 1825	15000 rs.
Vinho velho em prova secca.	300 rs.	Reserva de 1838 por gar.	25250 rs.
Malvasia, 2.ª qualidade	360 rs.	Bual de 1851	15000 rs.
Vinho velho.	400 rs.	Delicado de 1857	800 rs.
Alvaralhão, superior	560 rs.	Especial de 1862	600 rs.
Bastardo velho	500 rs.	Cerveja ingleza	110 rs.
Malvasia primeira qualidade	500 rs.	» Nacional	50 rs.

A RETALHO

Vinho de mesa a 50, 60, 80, e 120 rs. o quartilho do tinto e 120 réis do branco. Este armazem tem depositos: em Fafe, em casa do snr. Miguel Antonio Monteiro de Campos em Vizella, em casa do snr. João Teixeira Alves, nas Taipas, no hotel do snr. Villas; em Braga, em casa do snr. Bernardo José Fernandes Carneiro, rua do Souto n.º 9; em Vianna do Castello, em casa do snr. José Antonio Gonçalves d'Azevedo, rua de S. Sebastião; no Porto, em casa do snr. F. G., Santa Cruz, rua de Santa Catharina; em Aveiro, em casa do snr. Lourenço da Costa Salgueiro; em Agueda, em casa do snr. Victorino Antonio Martins.

Responde-se pela boa qualidade e pureza d'estes vinhos e deixa-se fazer n'este toda e qualquer experiencia chimica; mas se ainda depois d'isso algum duvidar da sua pureza, podem apparecer no armazem, afim de assistirem á votação dos ditos vinhos.

CESAR CANTU

HISTORIA UNIVERSAL
REFORMADA, ACCRESCENTADA
E AMPLIADA POR

Antonio Gmes

Edição illustrada com 140 gravuras.

archeologia, bellas-artes, mappa de geologia antiga, retratos d'homens illustres, etc.

Cada fasciculo 200 reis.—Provincias 220.

ESTA em distribuição o 1.º e continua a receber-se assignatura no escriptorio provisorio da empresa, rua da Atalaya, 65—LISBOA.

TYPOGRAPHIA

9—RUA DO ESPIRITO SANTO—11

N'esta officina fazem-se todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que está sortida com excellentes typos. Os preços são harmonisados com os de iguaes estabelecimentos, e a nitidez com que se executam todas as obras póde julgar-se pelas que aqui tem sido feitas.

GUIMARAES, Typ. de J. da S. Carvalho.

Estabelecimento de Loterias

DE

João Marques d'Almeida e Castro

227—Rua de Santa Catharina—331

PORTO

Este estabelecimento, que por grande numero de pessoas tem sido perferido a outros, não só por os premios que no mesmo constantemente estão sahindo, mas por a promptidão com que executa as encomendas que lhe são dirigidas, continua a ter á venda para todas as loterias, bilhetes ineiros, meios ditos, quintos, quartos, decimos, oitavos e fracções de 600 reis, 500, 300, 250, 200, 130, 100 e 40 reis.

Satisfaz para as provincias todas as encomendas de (bilhetes ou fracções em pequena ou grande quantidade) vindo as mesmas acompanhadas da sua importancia em ordens, vales do correio ou estampilhas do mesmo.

Envia, gratuitamente, os prospectos, a todas as pessoas que desejarem ser informadas dos premios de que se compõem as loterias e dos dias em que as mesmas se teem de extrahir; assim como remette no fim das extracções, as respectivas listas geraes dos premios.

Aos pretendentes

Apesar do grande numero de correspondentes que este estabelecimento tem nas provincias para a venda de bilhetes e fracções de todas as loterias, o mesmo recebe ainda propostas das pessoas que pretenderem vender este genero á commissão. Os pretendentes que quizerem encarregar-se da venda d'esta fazenda, podem com ella, **NEGOCIAR SEM RISCO** porque se acceta de novo até ás vespas das extracções, toda a fazenda que os mesmos não tiverem vendido. Além d'isso teem a vantagem de poderem **NEGOCIAR SEM EMPREGAR CAPITAL** porque a importancia de qualquer remessa que lhes seja feita, pode ser enviada depois da fazenda vendida, bastando para isso que o portador dê como conhecimento um negociante da cidade do Porto.

A commissão é vantajosa e os mais esclarecimentos dão-se a quem os pedir.



SINGER

MCHINAS PARA COSE

LEGITIMAS

DA

Companhia Fabril SINGER

17—Rua de S. Vicente—17

BRAGA

SINGER

As melhores machinas para custura que todo o mun. conhece e que nunca tiveram rival.

Vendeu no anno de 1877, 282:812 machinas de custura !!! mais 20:496 que em 1876.

A COMPANHIA FABRIL

SINGER

Vende as suas magnificas e sempre a creditadas machinas, ao alcance de todas as fortunas, a prestações de **500 reis semanacs** sem prestação de entrada ou 10 por cento a menos a prompo pagamento.

MACHINAS LEGITIMAS

SINGER

Para familias, alfaiates, costurairas, chapelleiros e sapateiros

A Companhia Fabril SINGER

Garante todas as suas machinas não só no seu bello trabalho, como na sua immensa duração, com séria garantia.

Avisamos o publico que tenha todo o cuidado para não ser enganados com as machinas imitações, como algumas pessoas, por infelicidade d'ellas o tem sido.

As machinas legitimas **SINGER** só se encontram á venda na Sub-cursal da

Companhia Fabril SINGER

18—Rua de S. Vicente—17

BRAGA

Em sua agencia em Guimarães, em casa de Antonio José da Costa Braga, Rua Nova do Mercado n.º 1 a 5 e nas casas estabelecidas em todas as capitães dos districtos de Portugal e Hespanha.

Ensino esmerado e gratis em casa do comprador.

Peçam cotalogos illustrados com lista de preços, que se enviarão GRATIS.

Singer